

Exercícios têxteis para sobreviver ao fim do mundo

Ejercicios textiles para sobrevivir al fin del mundo

Textile exercises to survive the end of the world

JOSSIER SALES BOLEÃO¹

Universidade Federal de Goiás, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-9050-2183>

Resumo

No presente texto são feitas reflexões que têm como ponto de partida três experiências artístico-pedagógicas. As experiências articuladas no texto são: 1) a revitalização de uma peça antiga de vestuário (um cachecol), onde o trabalho artístico foi deflagrado das vivências e memórias no norte do Brasil. Ao resultado tem-se o título de *Águas do Norte*; 2) um bordado livre desenvolvido em virtude das memórias e não-presença de uma mãe falecida, chamado de *Rosalina*; 3) a criação de uma narrativa têxtil inspirada na técnica das *arpilleras* chilenas intitulada *Denúncia ao povo*, que articula reflexões de denúncia no tempo pandêmico e, por fim, o exercício artístico de presentear, em que foram construídos três bordados onde preces são traduzidas por plantas de uso religioso e medicinal resultando em *presentes-preces*. O percurso do texto é feito de forma que estão costuradas memórias com relances autobiográficos e poéticos, reflexões sobre a pandemia e a necropolítica instaurada no país e as práticas de solidariedade. Em todas essas dimensões encontram-se exercícios para a sobrevivência ao fim do mundo.

Palavras-chave: bordado; memórias; artes visuais; presente-preces; pandemia.

¹ Doutorando em Arte e Cultura Visual (PPGACV/FAV/UFG), mestre em Língua, Literatura e Interculturalidade (UEG) e graduado em Letras Português (PUC/Goiás). Pesquisador em artes, bolsista CAPES. Possui interesse em educação e artes populares, literatura e outras artes, visualidades, contravisualidades e contranarrativas. jossierboleao@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/1525096555122947>

Resumen

En este texto se realizan reflexiones que tienen como punto de partida tres experiencias artístico-pedagógicas. Las experiencias articuladas en el texto son: 1) la revitalización de una vieja prenda de vestir (un pañuelo), donde el trabajo artístico fue detonado por vivencias y recuerdos en el norte de Brasil. El resultado se intitula *Águas do Norte*; 2) un bordado libre desarrollado por los recuerdos y la no presencia de una madre fallecida, llamada Rosalina; 3) la creación de una narrativa textil inspirada en la técnica de las arpilleras chilenas titulada *Denúncia ao povo*, que articula reflejos de denuncia en el período pandémico y, finalmente, el ejercicio artístico de obsequios, en el que se construyeron tres bordados donde se realizan oraciones traducidas por plantas de uso religioso y medicinal resultando en obsequios-oraciones. El pasaje del texto se realiza de tal manera que se cosen recuerdos con vislumbres autobiográficos y poéticos, reflexiones sobre la pandemia y la necropolítica instaurada en el país y finalmente las prácticas solidarias. En todas estas dimensiones hay ejercicios de supervivencia en el fin del mundo.

Palabras clave: bordado; memorias; artes visuales; regalo-oraciones; pandemia.

Abstract

Three artistic-pedagogical experiences are held as the starting point of the reflections present in this text. The experiences articulated in the text are: 1) the revitalization of an old piece of clothing (a scarf), where the artistic work was triggered by experiences and memories in northern Brazil. The result has the title of *Águas do Norte*; 2) a free embroidery developed due to the memories and non-presence of a deceased mother, called Rosalina; 3) the creation of a textile narrative inspired by the technique of Chilean arpilleras entitled *Denúncia ao povo*, which articulates reflections of denunciation in the pandemic period and, finally, the artistic exercise of gifting, in which three embroidery were constructed by translated prayers of plants used for religious and medicine purposes. The passage of the text is made in such a way that memories are stitched together with autobiographical and poetic glimpses, as well as it reflects on the pandemic and the necropolitics established in the country and the practices of solidarity. All these dimensions are exercises for surviving at the end of the world.

Keywords: embroidery; memoirs; visual arts; gift-prayers; pandemic.

Em vias de abertura...

Este texto tem forte inspiração na ideia apresentada por Krenak (2019), em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* lançado pela Companhia das Letras. Desde o início de 2020 estamos sendo afetados de formas ainda desconhecidas pela pandemia resultante do vírus Sars-coV-2. Passados os meses de isolamento intenso – ao menos para uma grande parcela da população – temos repensado formas de seguir adiante, apesar das perdas em todos os âmbitos da vida, desde econômicos, sociais até a perda mais cruel: a vida de milhares de brasileiros.

Antes de pensar em como será o pós-pandemia foi necessário cada um criar estratégias para sobreviver ao fim do mundo pandêmico. A ideia de exercício me parece muito apropriada, pois recorremos a ele para as variadas tentativas de encontrar algo que nos mantivesse conectados à sanidade emocional. Dentre tantas as práticas novas e projetos antigos retomados, os bordados e outras atividades têxteis se configuram como uma das mais praticadas no período.

O percurso deste texto demonstra algumas das tentativas para sobreviver ao fim do mundo se agarrando às linhas com a finalidade de tecer outras narrativas e outros vínculos de longe e de perto e, desta forma, ir bordando novas perspectivas ancoradas nas memórias do antes, do bem antes covídico e para chegar até àquelas práticas poéticas de cura.

Dito isso, a organização da discussão feita por mim perpassa por três aspectos. O primeiro deles denominei *As memórias que tecem do Norte*. Nesta parte abordo um trabalho inspirado em minhas vivências no interior da região Norte do Brasil, mais especificamente em Rondônia. Desenvolvi um trabalho têxtil inspirado nas memórias das águas e das florestas como resultado poético de uma disciplina na Faculdade de Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás. O material de base para a criação da poética visual é um cachecol, antiga peça doada para a composição de figurino em peça de teatro, que posteriormente chegou a mim como presente e, desde então, com diferentes vinculações, usos e simbologias. O outro momento ainda no contexto das memórias do Norte é um bordado livre realizado durante o ano de 2020 para celebrar a memória de minha mãe, em virtude de seu aniversário de nascimento, pois não cheguei a ter lembranças dela, em virtude do falecimento precoce. Sendo assim, os dois momentos da primeira parte dialogam com a reconstrução e construção de processos de cura deflagrados no período da pandemia.

No segundo aspecto do texto *Denúncia ao povo... ou fios de resistência*

pandêmica discuto algumas questões da pandemia e dos efeitos dela diante de uma necropolítica do governo brasileiro. As reflexões são realizadas a partir de uma narrativa têxtil denominada de *Denúncia ao povo* e que tem a base de inspiração as arpilleras chilenas. A narrativa foi feita com materiais disponíveis em casa durante o período de distanciamento físico, por isso ela foi construída com pelos de gatos, flores, xerox de um texto antigo, linhas, dentre outros.

Por último, na parte *Afetos bordados como poética solidária* as reflexões perpassam pelos gestos de solidariedade e as conexões no período pandêmico. Levo em consideração, a produção de bordados feitos como parte de uma disciplina da Faculdade de Artes Visuais e que formaram uma rede de trocas de presentes entre participantes. Na perspectiva de uma poética da solidariedade, as ideias perpassam pela potência do ato de presentear como intenção de bem-querer, tanto para quem recebe quanto para quem dá o presente.

As memórias que tecem do Norte

Venho de uma grande família de fortes mulheres. Cresci acompanhando e comprovando isto em suas ações, nas lutas cotidianas travadas no dia-a-dia de mulheres com baixa escolaridade, pobres e de origem camponesa. Os ensinamentos foram sendo repassados pela força contida nas histórias e na memória daquelas de meu tempo e sobre aquelas vieram antes delas. Diariamente, eu era lembrado por gestos e ações da força feminina que me transporta em seus braços.

Além da força que liga de alguma maneira essas mulheres, outro importante elemento as unem em seus diferentes tempos de vida e existência: os trabalhos manuais com linhas, agulhas e tecidos. Dentre os trabalhos manuais – muitos e exaustivos, por sinal – a habilidade de lidar com tecidos, linhas, máquinas de costura e agulhas se encarregavam de levar, de um ponto a outro, as memórias, histórias e as resistências.

Tias costureiras, avós costureiras e mãe costureira. Todas essas mulheres teceram suas narrativas de vida entre têxteis. As narrativas costuradas e alinhavadas eram arrematadas para suprir diversas necessidades, desde aquelas essenciais para o sustento da família perpassando pelas vestimentas diárias e de festas, até à única fonte de renda entre as colheitas das lavouras sazonais.

De minha mãe, que faleceu quando eu ainda era uma criança próxima dos dois anos, herdei sua tesoura e uma régua de madeira, ferramentas corriqueiras em seu fazer. Já de uma das avós, cresci com as brincadeiras ao pé da antiga

máquina de costura, as inúmeras tentativas de juntar as partes dos tecidos e as muitas broncas por quebrar agulhas. Além disso, uma memória afetiva onde as fronteiras se desmanchavam à medida em que viajávamos do Norte do país em direção ao Sudeste para visitar minha bisavó. O presente feito por minha avó para a sua mãe, em horas dedicadas de muito cuidado e delicadeza era um vestido florido em tecido escuro de toque sensível, aveludado e remetia ao frescor das águas descansando embaixo das árvores.

As memórias embaralhadas ou organizadas em suas dimensões deflagraram, ao longo do percurso, possibilidades inúmeras de constituir narrativas do tipo desta feita aqui. As narrativas – parte primordial de nossa condição – se entrelaçam aos nossos fazeres sensíveis como pequenos fios se juntando para compor um outro fio e deste a outros até tramar um tecido maleável, porém resistente. Desses percursos organizamos, muitas vezes, em arte essas experiências do sentir “sugerindo ampliadas possibilidades de viver e organizar o mundo” (CANTON, 2009, p.12). São novas configurações no espaço e no tempo capazes de ressignificar nossas heranças.

Justamente na perspectiva das heranças tantas que recebemos ao longo da vida – não apenas aquelas heranças materiais e de grande valor monetário, mas das pequenas coisas, gestos e intenções – que as experiências têxteis se conectam em algum momento nas trajetórias coletivas e individuais. Por muito tempo as práticas de costurar, bordar, tecer são dedicadas aos zelos de passar ao futuro. Muito menos como obrigação, mas especialmente como perspectiva de continuidade e de manter pulsante um legado dos processos de junção dos fios e suas poéticas como as habitantes ancestrais dos nossos fazeres da ordem dos cuidados.

A memória se coloca como resistência ao esquecimento reordenando as arquiteturas e impressões das coisas que ficam e das que se vão. No fazer artístico, as memórias são lançadas em território de recomposições da existência. Abre-se o diário íntimo de vivências particulares para insinuar arranjos de ligações de narrativas individuais às estruturas coletivas. O encantamento é um processo de resistência e, tanto o encantar quanto a memória estão na dimensão das faculdades daquilo que nos mobiliza de diferentes graus e profundidade na maneira de ser-estarmos no mundo.

O tecido social do cotidiano aqui se sobrepõe ao tecido do bordado. O tecido é “encantado” porque encanta quem o produz, lhe dá expressão e nessa relação dialética o concreto formula a emancipação social desses sujeitos. A questão ontológica é entre

o sujeito e o objeto, ou também seria possível dizer entre sujeito e sujeito. (QUEIROZ, 2011, p. 1).

As reflexões feitas por Queiroz (2011) sobre os tecidos encantados dão uma dimensão metafórica para aquilo que nosso corpo vai guardando ao longo da vida. A emancipação dos afetos que nos atravessam, nem sempre se configura ou se manifesta de forma material e objetiva no reino das coisas concretas. O encanto nos dá uma projeção do dialético fazer e criar como necessidades humana e, por meio dos mecanismos deflagrados no processo, produzem significações outras a partir das práticas.

Minhas memórias dos tecidos, da avó que costurava e me ensinou etapas básicas como fazer casinha de botão à mão ou da tia em suas vãs tentativas para fazer eu aprender a arte do crochê, localizam-se no Norte do Brasil. Uma região difícil e precária entrelaçada à minha história de vida e intensificada pelos exercícios poético-visuais como estratégias de não-esquecimento e de significados que se comportam em nossas vidas cotidianas. Desde as memórias do antigo baú contendo os resquícios de uma mãe não-mais-presente, mas com objetos silenciosamente acomodados indicando os rastros daquela história ao vestido florido costurado em grandes pausas de barulho, ou então à costura de outras narrativas escorrendo das águas e das florestas nortistas. As narrativas e memórias estão localizadas no Norte, mas se movem em fronteiras movediças e se expandem por onde há a construção de outros nortes em curso.

Halbwachs (2013), ao tratar sobre a memória afirma que a individual é composta pelo emaranhado das memórias coletivas e, por sua vez, estas se constroem a partir de cada indivíduo. Assim como as práticas ancestrais de trabalhos têxteis que eram adotadas afetivamente na continuidade como perspectivas de existência e das histórias de cada indivíduo fundidas à comunidade da qual há o pertencimento.

As comunidades afetivas têm um papel fundamental na relação que estabelecemos com nossos próprios mecanismos deflagradores de poéticas. Cada sujeito nessa trama se coloca como fio condutor de potência criativa, já que lembramos a partir dos grupos dos quais estamos inseridos, nossas próprias memórias.

Dito isso, a chegada abrupta da pandemia de covid-19 forçou em diversas dimensões novos arranjos do cotidiano e a repentina imersão no medo, nas dores e no luto coletivo. Muitas foram as estratégias para enfrentar o tão desgastado e ineficiente conceito de “novo normal”: meditação, ioga, aprender a tocar um

instrumento musical, cuidar de plantas, dentre tantas outras. O bordado foi uma das opções para muita gente.

No indicativo do tempo em quarentena, os exercícios poéticos foram se canalizando para lembranças das comunidades afetivas e das memórias coletivas deflagradas e transformadas em práticas de criação artística, assim como reivindicação e denúncia política com as marcas pessoais.

Um dos exercícios realizados nesse período foi uma proposição coletiva em uma disciplina denominada *Oficina dos fios*, da Faculdade de Artes Visuais, na Universidade Federal de Goiás (UFG). O exercício constituía na revitalização de uma peça de roupa, um tecido, toalha, lenço ou qualquer outra. O objeto que escolhi tratou-se de um cachecol antigo que percorreu muitas aventuras. O item foi desde um adereço cênico utilizado nas produções de teatro, em uma instituição filantrópica onde contribuí por um período como arte-educador e herdei a peça, cuja história ainda é anterior a esse período, pois antes de fazer parte do acervo da instituição permaneceu a alguém que a doou para compor o “camarim” – como chamávamos a sala de adereços cênicos.

O trabalho de revitalização de um cachecol que percorreu caminhos movediços e instáveis onde as ondulações serpenteiam minhas origens no Norte do Brasil. Águas do norte são o início, o fim e o meio de passos macios pelo chão barrento que marcam o interior de cada morada e de cada pessoa. As veias descritas na peça podem nos levar a sorrisos e lágrimas para a imensidão das matas banhadas por olhares constantes.

No norte, as águas são partida e chegada daqueles que não desejam pegadas. O ondular barrento marca a cegueira do forasteiro para os mistérios impregnados em quem tem intimidade com o denso da mata, das águas e da vida. A linha líquida mistura as dimensões e abriga as estações: as cheias e as secas. As águas no norte são o sorriso de cada criança mergulhada na própria veia da vida. São as estradas inchadas da floresta e a morada da fé. Elas são a timidez da onça e o rubro reflexo do mutum esgueirando entre as árvores imponentes.



Figura 01: Exercício poético *Águas do Norte*. Jossier Boleão, 2020.

As águas do norte dão destino à caça da sucuri. Margeiam silenciosamente as pessoas. Duplicam as noites claras, a lua e o firmamento. O alimento da bravura de quem é gente-água. Um agradecimento aos segredos escorridos até a barra de verde-vivo-intenso sombreada por outros mistérios.

Os fios transpassados entre o antigo e amarelado branco de outras narrativas, outras memórias e trajetórias ressignificam o que outrora era um cachecol. Acrescentadas as camadas a mais de nó francês e alguns fios azuis serpenteando freneticamente como as águas dos rios barrentos de minha infância, elas compõem o próprio caminho pessoal pelo interior de Rondônia, onde minha mãe recém-chegada nos anos de 1980 faleceu de forma repentina e de causa desconhecida.

A tragédia antes de se tornar percurso criativo, é um lugar de ferida, de lembrar e remoer para se converter na perspectiva da deslembração. Burke (2021) traça esse paralelo de que as memórias coletivas e individuais estão ancoradas em feridas. O autor fala de perdas, de guerras e acontecimentos em grande escala que afetam povos e nações e estas comunidades desenvolvem uma espécie de repetição e pulsão, tanto para lembrar quanto para o deslembração. De alguma maneira, esses atos me colocaram na direção de bordar as memórias de minha mãe... ou de inventá-las, já que não convivi com ela. Relembrar no atravessamento de perdas coletivas de grande expressividade como em uma pandemia instaura os exercícios correlatos na ordem dos monumentos nacionais às perdas. Minha perda nacional.

Assim como Barthes (1980) narra a sua experiência face às imagens de sua mãe. Eu igualmente tentava remontar vagarosamente o tempo com aquela mulher, o amor sentido, o amor oferecido e recebido. Havia ali descobertas e invenções para afirmar a doçura que quisera ter existido junto àquela vida ausente.

Essas narrativas que se entrelaçam e a imagem de minhas ancestrais me levam à imagem inventada-imaginada de minha mãe, assim como esta imagem me desagua naquelas e se relacionam com as profundidades sobrepostas em camadas encontradas ao escavarmos a superfície, pois “a imagem nos leva em direção a outras profundidades, outras estratificações, ao encontro de outras imagens. É necessário pois abrir a imagem, desdobrar a imagem [...]” (SAMAIN, 2012, p.35). Trata-se de um processo de imaginação e montagem (DIDI-HUBERMAN, 2012), em que vamos compondo e recompondo estas imagens a partir de outras narrativas e de outras imagens, por meio de uma força imaginativa capaz de nos mobilizar e de reacender as cinzas que cobrem a imagem.

O exercício de remontar, montar e inventar memórias intensificado pelo momento pandêmico se coloca como a necessidade coletiva de lembrar como tarefa revolucionária de luta contra a fragilidade da vida individual. De posse destes elementos, a arte se coloca como sistema de tensão sobre as formas de habitar o mundo. O resultado destes percursos, por vezes compensatórios, transfigurou-se em um bordado denominado *Rosalina*, onde os fios remontam o cheiro que provavelmente tem uma mãe, juntamente com sua data de nascimento.



Figura 02: Bordado livre, título: Rosalina. Jossier Boleão, 2020.

A arte como função compensatória nos atravessa quando o mundo não é mais suficiente para nós e, nessa travessia entre remoer e esquecer ou lembrar, os exercícios se constroem em direção à *sanación* (MIGNOLLO, 2019). O processo de cura converge com a visão de *errância* e instabilidade de um mundo em intensa interação. O percurso de *sanación* se coloca como exercício constante e uma fabricação visual de protesto nos tempos atuais, em que somos afetados por tantas dores (coletivas e individuais).

Denúncia ao povo... ou fios de resistência pan- dêmica

Das (2020) aponta que a pandemia é uma pandemia da ignorância devido à inabilidade de políticos em lidarem com as incertezas de uma doença ainda tão desconhecida. Os hábitos enraizados em nossa sociedade não são mais compatíveis ao século XXI. No entanto, a ineficácia ou até mesmo a inexistência de políticas públicas sociais reforçam e ampliam o abismo das desigualdades, em especial no Brasil.

Para Schwarcz (2020), a mudança de um século para o outro não se dá ao virar o calendário, uma vez que outros fatores para além da cronologia e sua complexidade se vinculam a alguma crise profunda capaz de levar a humanidade na imersão de questionamentos sobre certezas e verdades firmadas até então. Em seus argumentos, a pandemia da covid-19 marca o fim do século XX e o início do século XXI. Entretanto, as políticas federais do Brasil caminham em retrocessos e em vários aspectos remonta o país ao início do século anterior, ou até antes.

A atuação governamental do Brasil tem reafirmado aquilo que Mbembe (2003) trata como necropolítica e seus efeitos devastadores para povos, grupos e comunidades. Em resumo, necropolítica diz respeito à linha política adotada pelo Estado, cujas estruturas, metas e ações definem (mesmo que implicitamente) quem vive e quem morre. Nas palavras do autor, “a narrativa de dominação e emancipação está aqui claramente associada a uma narrativa de verdade e morte. Terror e morte se tornam os meios de realizar o já conhecido telos da história” (MBEMBE, 2003, p.130).

O lugar de recriação é justaposto pelo acolhimento do que está acontecendo do lado de lá e do lado de cá. Muitas das produções e reflexões no período pandêmico caminham para a direção de questionar nossas janelas. Literalmente muitos propuseram fazer barulho por elas. As janelas possibilitam ver o mundo ao mesmo tempo em que as telas nos conectam aos lugares e às pessoas em

uma ambivalência “como em casulos, os corpos[pandêmicos] [re]existem em distanciamento social” (CARVALHO; GOTARDDI; SOUZA, 2020, p.5). Esses corpos pandêmicos são nutridos por constantes batalhas, que tencionam seus sentidos e convocam sua atenção enquanto eles mesmos travam suas próprias lutas por existência física, social e artística.

Os nossos corpos pandêmicos e viralizados pela pandemia da covid-19 ou pelas imagens pandêmicas precisaram reencontrar o lugar de criação diante do caos e do luto. Vivenciamos, ao mesmo tempo, uma pandemia das imagens (BEIGUELMAN, 2020), pois fomos atingidos por uma overdose de ao vivo, aulas, cursos, seminários, congressos, palestras, meditação, ioga, ginástica, etc., tudo on-line e chamando nossa atenção em todos os aparelhos com suas telas deslizantes.

Em face das transformações – transitórias, instáveis e, quem sabe, algumas permanentes – couberam aos corpos [covídicos] artísticos conduzir produções reflexivas diante de tanto horror e iniquidade. Dentre os exercícios elaborados ainda no ano de 2020, como parte do processo de criação deflagrado por discussões teóricas, testemunhais e do cenário geral do país, ambos proporcionados por um pequeno grupo de artistas-pesquisadores, desenvolvi o trabalho *Denúncia ao povo*.

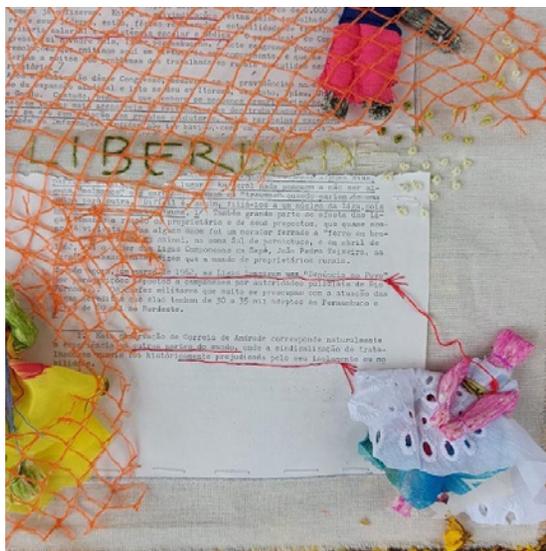


Figura 03: Detalhe de narrativa, título: Denúncia ao povo. Jossier Boleão, 2020.

O desenvolvimento do trabalho foi a partir da inspiração na técnica têxtil utilizada por mulheres chilenas e brasileiras – a *arpillera*. A propositura de fazer narrativas visuais têxteis era que cada artista utilizasse os materiais que tinham em casa no período mais restritivo de distanciamento físico. Para compor a narrativa recorri aos pelos de minha gata – companheira fiel no período isolado, a xerox antiga de um texto relatando a assembleia de lideranças camponesas e sindicalistas, onde denunciavam as represálias sofridas, no ano de 1962, retalhos de tecidos e embalagem plástica de frutas.

Assim como as *arpilleras* brasileiras feitas por mulheres atingidas por barragens e outros grandes projetos de desenvolvimento, a ideia da arte têxtil como denúncia tem a potência de compor narrativas reutilizando materiais diversos dos usos de nosso cotidiano. A base das *arpilleras* chilenas era feita da reutilização de sacos de leguminosas e retalhos de roupas, muitas vezes de seus entes queridos presos políticos ou desaparecidos no período da ditadura de Pinochet. No isolamento, muito de nossa força coletiva – característica das mobilizações de rua pelo país – tornou-se refém pela falta de políticas eficazes de saúde e de orientações sanitárias básicas.

Ao mesmo tempo em que nossos corpos ficaram fechados, o mundo foi se abrindo no interior de nossas casas e a nossa intimidade virou motivo para prolongar um pouco a conversa após as inúmeras transmissões e reuniões online. Parecia que estávamos menos sós, apesar do declínio. A arte é nossa maneira de viver e também de perceber o mundo real, como afirmou Flusser (2001). A informação estética que temos provém das conexões culturais e de nosso posicionamento diante do real. A poiésis é essa produção incessante do real e este, por sua vez, nos confrontou de tal forma que começamos a repetir uma espécie de mantra do “novo normal”.

No entanto, fomos nos apequenando diante das telas que cresciam a centímetros de nossos rostos. O toque no play, no pause ou no “X” determinava nossa experiência e qual experiência gostaríamos de ver, sentir e acompanhar. Entretanto, enquanto alguns puderam escolher, em outras partes uma tela resistente e maleável decidia o essencial entre viver e morrer.



Figura 04: Narrativa visual pandêmica, título: *Denúncia ao povo*. Jossier Boleão, 2020.

Denúncia ao povo

O povo denuncia ao povo de todas as partes do planeta redondo, o início do declínio.

As janelas sobrepostas, as abas enfileiradas demarcam os números do luto, que escorrem por nossos controles, já sem bateria.

*Em outras partes do mundo o isolamento é denunciado para outros povos que já viviam isolados das políticas,
dos direitos e dos olhares,
agora fixados em tempo real
imaginando como será o novo normal.*

As ligas pedem ajuda, enquanto alguns reivindicam a liberdade e desligam a vida e prendem a verdade.

A denúncia ao povo só precisa de um toque no play.

Afetos bordados como poética solidária

Os bordados se constituem em pequenos gestos de cuidado e atenção com os fios e com o fazer. Sem estes elementos de delicadeza e sensibilidade, os pontos ficam dispersos, a linha dá nó ou o tecido cria ondulações características do excesso de força. Há uma medida ideal para os movimentos das mãos e a pressão sobre a superfície. O ato de bordar se aproxima, em alguns momentos,

da capacidade de dançar. É uma coreografia das mãos, da agulha, do tecido e dos fios embalada pela memória e pelas lembranças. Nas palavras de Queiroz (2011, p. 06),

Bordar é assim a capacidade de cimentar socialmente a reflexão da vida e do sentido de pertencimento a uma coletividade. Possivelmente esse momento de estar junto é tão, ou talvez mais importante, do que o belo produzido ou a produção para a venda. O bordado passa a ser um elogio à práxis, ao cotidiano e a história como elemento do constituir humano.

Compreender a dimensão poética do percurso é reconhecer as práticas sensíveis cotidianas, das quais estão inseridos nossos atos criativos em estado nascente. Podemos ler o passado, mas nosso olhar está no presente (GUATTARI, 1992). As narrativas que envolvem a matéria dos acontecimentos são potências da experiência, que muitas vezes se completam e complementam no estabelecimento das relações com os outros.

A colaboração é uma das perspectivas da estética relacional, cuja dimensão Bourriaud (2009) descreve nos modos participativos, tanto aqueles provocados pelas obras, quanto nos modelos de ação. As relações se dão a partir de circuitos de trocas e partir destes é possível que criemos micro comunidades de relações com o mundo sensível e a partir deste. As condições relacionais na dimensão da qualidade da obra, em seu percurso diz respeito muito mais às paixões envolvidas, assim como o jogo de trocas para a construção de espaços e objetos concretos. É possível pensarmos nesses exercícios poéticos como obra de arte em estado de possibilidades da vida.

Em uma das sistematizações de um trabalho têxtil desenvolvido com estudantes, os professores envolvidos descrevem que “Se o exercício poético tem sua gênese nas intencionalidades subjetivas e, neste aspecto, se afigura individual, é no exercício colaborativo que ele se firma, se desvela e se apresenta enquanto tal” (MARTINS; ROCHA, 2013, p. 3526). Algumas propostas têm convergido neste tempo covídico para que ações individuais cheguem no coletivo ou na direção contrária, que a coletividade alcance de maneiras poéticas, o individual. Pequenos gestos têm se demonstrado eficazes e se configurando quase como oásis em meio à tragédia coletiva repetida diariamente.

Em uma disciplina do último período de graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás trabalhamos sob a coordenação da professora Alice Fátima Martins com a intenção de um exercício poético: presentear o outro.

A adoção do gesto como deflagrador criativo para compor objetos poéticos em doação ao outro abrigou as noções de presente em suas dimensões: a *distância* devido a pandemia, o *presente-presente*, os *afetos* envolvidos na troca e a *relação* com outro.

Muitas foram as perspectivas abordadas pela turma para presentear. Era possível escolher uma única pessoa, ou várias. O importante era fazer o gesto. Até mesmo a entrega do presente não estava condicionada ao ato imediato, mas o valor estava especialmente no processo de construção. Deste percurso saíram desde poemas, jogos interativos de adivinhação e até bolo para o café da manhã, além de trabalhos têxteis.

A preparação de um presente se coloca como um pedido de bem-querer ao outro. Canalizamos no gesto, as intenções positivas para que cheguem em quem receberá o gesto de nosso cuidado. Nas palavras de Martins (2020, n/p.),

Presentes são assim: mais que o objeto, ou a ação em si, o valor de um presente está em todas as circunstâncias que o envolvem. Importa o momento quando emerge o desejo de presentear. Depois, a decisão sobre com o que e como presentear. Trata-se, afinal, de um projeto ao qual presenteadores se dedicam, empenhando tempo, afetos, habilidades, expectativas. A execução propriamente dita está no ato de fazer com que a pessoa presenteada receba o mimo. Esse momento pode ser considerado o ápice, mas não é a finalização, conquanto as reverberações se façam sentir nos desdobramentos.

Bordados como práticas afetivas ao próximo pode soarem como pleonasma, se considerarmos seu processo de criação e execução. Entretanto, acrescentado o elemento presente como gesto de cuidado e relação de troca com o outro, parece-me agregar outra dimensão do bordado-presente, que é o presente como prece ou emanação de boas intenções.



Figura 05: Bordados-prece enviados como presentes. Jossier Boleão, 2021.

Os trabalhos desenvolvidos e articulados à dimensão do sensível povoam o lugar de poéticas em estado de solidariedade. Em períodos e/ou realidades difíceis e desafiadoras coabitam possibilidades enraizadas no bem-querer e são estas práticas estendidas às comunidades de existência que podem significar a partir dos princípios da solidariedade e orientarem outros fazeres. Para Martins (2018), o percurso colaborativo e os laços estabelecidos, além dos afetos compartilhados comungam, em grau de importância, os sentimentos transpassados. Em suas palavras:

É nesses termos que se rascunham possibilidades de uma poética da solidariedade, como utopia compartilhada, com sentido de humanidade redimensionado pela poesia. [...] Seus descaminhos podem até transitar os territórios das coisas consideradas arte, mas não se ocupam demasiado delas. Sua ênfase recai, sobretudo, no grande círculo das coisas insignificantes consideradas não-arte, a partir das quais é possível tecer e recriar sentidos outros, estabelecer e restabelecer vínculos, nutrir afetos. (MARTINS, 2018, p. 48).

Fora dos tratados e convenções da arte, que não só define seus cânones, mas delimita sua visão deixando fora a cosmovisão de poéticas sensíveis, as práticas artesanais resistem e se reinventam à medida em que se expandem para dimensões de afetos ao outro sem a necessidade destes tratados. As trocas existentes nos atos de solidariedade se fazem presentes no cotidiano das mais diversas e distantes comunidades, em relação aos centros.

A solidariedade no ato de preparar um presente para ser enviado requer a elaboração e organização de formas que operam em proteção da coletividade. Em alguma medida, funciona como mecanismo de cura. O processo de criar, fazer, embalar, cuidar, enviar e receber realiza pequenas transformações em ambas as partes. Essas poéticas que circulam pelas vias outras da arte estabelecem vínculos articulados pela experiência, sem que seja pela rota de artista e público. Há um sentido coletivo nas ações, onde os afetos rodeiam de alguma maneira os vínculos comunitários.

Os vínculos afetivos e comunitários, assim como aqueles criados a partir da intencionalidade de oferta e recebimento – como é a situação dos presentes – fortalecem estratégias de sobrevivência ao fim do mundo. Os fios soltos pelos lugares virtuais ou reais vão se propagando em pequeninas pílulas de cura para uma tragédia que nos tem afetado de diferentes maneiras. Há, ainda, uma reconexão entre a intersubjetividade de quem vivencia a experiência. O objeto apreendido esteticamente pela experiência se constitui em campos de força juntando os nós, nós em constante costura e partilha.

Referências

BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEIGUELMAN, G. A pandemia das imagens: retóricas visuais e biopolíticas do mundo covídico. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, 23(3), 549-563, set. 2020 <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p549.7>

CANTON, K. **Tempo e memória**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

CARVALHO, C.; GOTTARDI, P.; SOUZA, H. R. L. R. Corpos[pandêmicos]: ação e subjetividade na arte educação. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2015527, p. 1-15, 2020.

DAS, V. Encarando a Covid-19: Meu lugar sem esperança ou desespero. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**. Rio de Janeiro: Reflexões na Pandemia 2020, pp. 1-8. <https://www.reflexpandemia.org/texto-26>.

DIDI-HUBERMAN, G. **Quando as imagens tocam o real**. Pós: Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204 – 2019, nov. 2012.

FLUSSER, V. A arte: o belo e o agradável. **Revista ArteFilosofia**, vol 11, jul-dez

2001, p. 9-13.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1992.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

MARTINS, A. F. Exercícios para uma poética da solidariedade. **Revista Apotheke**, v.4, nº 2, ano 4, 2018.

_____. **Dar presentes como experiência poética**. <http://blocodenotaserabiscos.blogspot.com/>. Acesso em 15 de julho de 2020.

MARTINS, A. F.; ROCHA, C. Arte relacional em uma poética colaborativa: nós & nós. **22º Encontro nacional ANPAP**, 2013, outubro de 2013, p. 3519 – 3530.

SAMAIN, E. **Como pensam as imagens**. São Paulo: Unicamp, 2012.

Schwarcz, L. M. **Quando acaba o século XX**. Companhia das Letras. Edição do Kindle. Acesso em 7 set. 2020.

Recebido 25 jul. 2021.

Aceito 27 set. 2021.



As obras deste periódico estão licenciadas com
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.